

A POLÍTICA E AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

por Mário Soares

Estive agora em Espanha, a convite da Aula de Cultura de Alicante, uma cidade adorável de grande turismo, com excelentes praias ainda plenas de banhistas e num hotel debruçado sobre o mar. Infelizmente, não tive tempo de mergulhar no Mediterrâneo, mais quente do que o nosso Algarve. Fiquei com a nostalgia, definitiva, que todos os anos me ataca, no fim de férias...

O Colóquio em que participei tinha a ver com as alterações climáticas, a questão da água, que escasseia na região, e sobre toda a problemática dos Oceanos, temas estes, intimamente relacionados com as questões ambientais, mas também – e de que maneira – com as crises financeira, económica e de falta de valores, que afligem todos os seres humanos, mesmo aqueles que sendo mais privilegiados, habitam em Estados democráticos e desenvolvidos.

A audiência de Alicante era preponderantemente de jovens e muito empenhada. Não parou de me fazer perguntas, sobre os mais variados assuntos, incluindo sobre as eleições legislativas portuguesas (cujos resultados conheciam) e sobre os partidos políticos portugueses, que não percebiam porque razão, sendo maioritariamente de Esquerda, se não uniam contra a Direita. Pergunta delicada. Reconheço não ter sido muito claro na resposta, por estar, obviamente, no estrangeiro, embora num país amigo e nosso parceiro na União.

A Espanha, que vive uma crise financeira e económica, muito pior do que a nossa (tem uma percentagem de desemprego duas vezes maior do que a nossa) manifesta uma vitalidade cultural e política, entre a juventude e as elites, verdadeiramente excepcional. Não detectei nenhum pessimismo doentio quanto ao futuro, antes pelo contrário, o que marca uma diferença acentuada em relação a Portugal. Apesar de Espanha ter um problema de nacionalidades e de regiões autónomas altamente complexo e uma Igreja Católica particularmente tradicionalista e interventora, em termos políticos. Ao contrário, felizmente, do que se passa connosco.

Enfim, é bom ir ao estrangeiro – e mergulhar profundamente nas realidades assumidas de outras identidades – para percebermos o privilégio que temos pelo facto de sermos portugueses... Os estrangeiros que cá vêm – e nos estudam – têm, de resto, o mesmo sentimento.

Deixei Portugal num estado de grande perplexidade, como eu próprio fiquei, a seguir ao discurso (incompreensível) do Senhor Presidente da República. Iríamos entrar num conflito institucional insolúvel, à saída de um acto eleitoral, claro e limpo, que deu ao PS uma vitória confortável, embora sem maioria absoluta, e num momento nacional de crise aguda, que importa, acima de tudo, ultrapassar? E, para mais, à entrada de eleições autárquicas de grande importância? Saí muito preocupado, confesso, temendo o pior.

Mas no regresso, três dias depois, a tranquilidade política reinava, a campanha eleitoral autárquica tinha começado normalmente e, num passe de mágica, Presidente e Primeiro-Ministro tinham tido “uma boa conversa”, como ambos disseram, laconicamente, à comunicação social.

É realmente uma das coisas que nos diferencia de Espanha: em Portugal raramente ocorrem tragédias, exceptuando as naturais. O nosso registo é outro, quase sempre: a comédia. Se não, como foi o caso, a farsa... Rir, faz bem, é o que vale.

A União Europeia tem, finalmente, condições para sair do impasse político-institucional em que se encontra há longos meses. A Irlanda votou, sábado passado, sim ao referendo (o segundo a que procedeu, depois de ter votado no primeiro, não) sobre o Tratado de Lisboa. Foi um resultado excelente, sem qualquer ambiguidade: 67,1%, a favor do sim; contra, 32,9% do não.

A crise global que atingiu a Irlanda, por forma inesperadamente grave, foi o que levou os irlandeses – outrora, alunos dilectos do desenvolvimento europeu – a perceber que fora da Europa não teriam qualquer possibilidade de ultrapassar, em tempo útil, a crise. Como dizem os franceses: “à quelque chose malheur est bon”.

Não sou um entusiasta do Tratado de Lisboa, como várias vezes já aqui escrevi. Porquê? Porque foi um Tratado elaborado, com enormes concessões, como era a moda do tempo, ao neo-liberalismo,

que conduziu o mundo ao capitalismo financeiro-especulativo, dito de casino, que implodiu com a crise global, de que ainda não saímos.

Ora a parte económico-financeira do Tratado de Lisboa terá assim de sofrer, rapidamente, mudanças radicais para poder adaptar-se ao novo paradigma de desenvolvimento, necessário à ultrapassagem da crise. Porque se não, não sairemos, como diz o Povo, "da cepa torta"...

Não quer isto dizer que o capitalismo desapareça e a economia volte a uma forma estatizada, tipo soviético, que teve o seu tempo e também implodiu. Há precisamente vinte anos. Quer apenas dizer que o mercado é absolutamente necessário, desde que regulamentado por regras éticas e jurídicas estritas. A globalização, que é um fenómeno irreversível, como se sabe, também deve ser internacionalmente regulada, pondo fim aos "paraísos fiscais", aos tráficos ilegais de armas e de drogas e a todas as formas de especulações fraudulentas, onde as grande negociatas prosperam...

Contudo, o Tratado de Lisboa, representa um passo em frente no projecto político e de paz europeu. Não trás ainda a Europa Política e Social, como os "Pais da Europa" sonharam. Não é ainda a criação, como os europeístas federalistas, como eu, gostariam: dos Estados Unidos da Europa, de que tanto falou Jean Monnet. Mas representa um passo em frente na institucionalização política da União. Assim, o respeito pelos Direitos Humanos, definidos na Carta dos Direitos Fundamentais, integrados na Constituição, passarão a ser imperativos e obrigatórios, para todos os cidadãos dos Estados membros.

Por outro lado, passa a haver um Presidente da União, eleito, cada dois anos e meio, que não será meramente representativo mas não se confunde, e de algum modo tutela, o Presidente da Comissão. É criado, igualmente, um Alto Representante para a Política Externa que será o Vice-Presidente da Comissão e presidirá ao Conselho de Assuntos Externos da União Europeia. E, finalmente, o Parlamento Europeu, recentemente eleito, terá as suas funções legislativas fortemente reforçadas e fica, em princípio, em pé de igualdade com o Conselho. O que pressupõe que a União será mais democrática, mais comunitária e menos governamentalizada pelos grandes Estados, mais transparente e próxima dos cidadãos europeus, dando a conhecer, sobretudo aos jovens, a importância decisiva que as instituições europeias terão nas suas vidas.

É certo que Bruxelas concedeu à Irlanda garantias para evitar o não. A Irlanda ficará excluída em matéria de aborto e de defesa. À semelhança do que sucede com o Reino Unido, onde não se aplicam certos direitos da Carta dos Direitos Fundamentais, opostos ao seu sistema legislativo. Quer dizer: na União todos os membros são iguais, mas há uns mais iguais do que outros... Esperemos que os checos e os polacos que ainda não subscreveram formalmente o Tratado de Lisboa, não arranquem a Bruxelas, à última hora, novas concessões para o assinarem.

Segue-se agora a corrida para a nomeação do Presidente e do Alto Representante para a Política Externa. No primeiro caso surgem nomes que seria um escândalo se fossem nomeados, como Tony Blair, amigo de Bush e um dos grandes impulsionadores da invasão do Iraque. Mas há outros que seriam excelentes, como: Felipe Gonzalez e Mary Robinson. Veremos...

A China comemorou os sessenta anos da vitória de Mao Tse-Tung sobre Chiang Kai-shek. Com uma parada militar imponente, ao estilo soviético, dos bons velhos tempos da "guerra fria"... Lembro-me bem desse momento, estava eu preso na Penitenciária, quando me separei do Partido Comunista, como diziam, por "desvio titista". Isto é: por não acreditar que o herói da guerra contra os nazis e unificador da Jugoslávia pudesse ser descrito, por discordar de Estaline, como um vulgar agente da CIA...

Eram outros tempos, com Salazar, esquecida a guerra de Espanha, a ajuda que deu a Franco e a equívoca posição que tomou durante a II grande guerra (decretou luto nacional quando Hitler, perdida a guerra, se suicidou no seu bunker de Berlim), aparecia aos olhos de americanos e europeus como um bom "democrático orgânico", como se auto-classificou.

Pensou-se então que o Mundo inteiro estava prestes a tornar-se comunista, com a vitória de Mao Tse-Tung, aliado de Estaline. Chiang Kai-shek refugiou-se na Formosa, protegido pela América.

Mas nada se passou como se previa. A história reserva-nos sempre surpresas. A China e a URSS zangar-se-iam e tornaram-se irreductíveis inimigos. Deng Xiaoping deu uma grande volta na economia chinesa. O comunismo soviético – e das democracias populares – implodiu. E agora implodiu o capitalismo financeiro-especulativo neo-liberal.

A China tornou-se um país emergente, como o Brasil, a Índia e alguns outros. São colossos que contam num mundo, cada vez mais, multilateral. Contudo, continua a ser politicamente comunista, com o fortíssimo partido único e no plano económico a cultivar uma espécie de capitalismo selvagem,

do pior estilo, sem preocupações sociais ou ambientais. Não creio que, apesar do seu inegável poderio, possa manter por muito tempo mais esta estranhíssima contradição...

Lisboa, 6 de Outubro de 2009